

## Parte I - Os dados e suas análises **Tempo docente**

Adilson Citelli

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CITELLI, A. Tempo docente. In: CITELLI, A., ed. *Comunicação e educação: dinâmicas midiáticas e cenários escolares* [online]. Ilhéus, BA: EDITUS, 2021, pp. 45-53. Comunicação e educação series, vol. 7. ISBN: 978-65-8621-337-9. <https://doi.org/10.7476/9786586213379.0004>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

## Introdução

Nesta seção da pesquisa serão examinados e comentados alguns dados que incidem diretamente sobre a temática temporal envolvendo os/as docentes: preparação das aulas; maneiras de se relacionar com os/as discentes; utilização de celulares; autoformação; lazer; hábitos de uso dos meios de comunicação, dentre outros. O propósito de pensar o tempo sob o ângulo dos/das professores/as decorre, também, do rápido ingresso das culturas digitais e seus dispositivos na dinâmica escolar e no próprio cotidiano de todos nós. No caso em exame, trata-se de indagar acerca das repercussões da aceleração temporal na vida e no trabalho dos/das profissionais de ensino básico participantes da nossa investigação.

## Aproximações ao tempo

Os comentários a seguir decorrem da tabulação dos questionários, mas também das análises suscitadas pelas entrevistas presenciais e pelas observações feitas diretamente nas escolas e no acompanhamento das aulas.

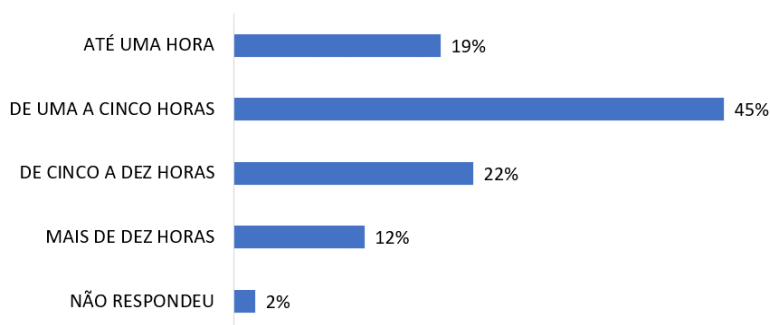
Figura 1 - Considera o seu tempo disponível para preparar aulas:



Fonte: MECOM (2019).

A despeito de haver certa distribuição linear entre os/as que afirmam ser inadequado ou adequado o tempo disponível para a preparação das aulas, o percentual dos primeiros é de 53%; o dos segundos, 41%. Ou seja, permanecemos no interior de um cenário no qual o fator tempo vai ganhando aclaramento, mostrando dimensões e ângulos de sua presença no cotidiano dos professores e professoras, inclusive com reflexos problemáticos e de impactos imediatos no amplo empreendimento educativo formal.

Figura 2 - Semanalmente, você dedica quanto tempo a atividades não ligadas às obrigações profissionais, a exemplo de idas ao cinema, passeios com a família, prática esportiva etc.?



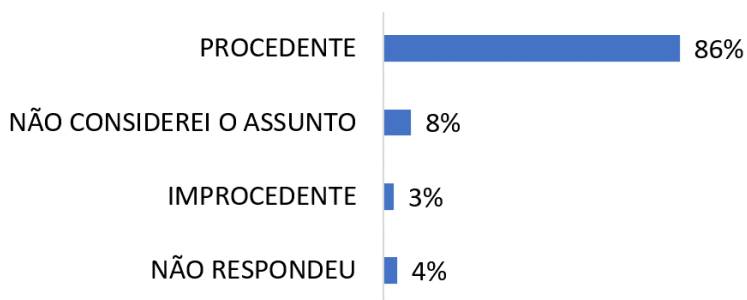
Fonte: MECOM (2019).

Docentes apontam restar pouco tempo de envolvimento para as atividades não estritamente profissionais, haja vista as demandas provocadas pela preparação de material didático, correção de provas e trabalhos do aluno, deslocamentos entre distintas escolas (Figuras 1 e 2) etc. E, conforme

esclarecido na pergunta, havia um leque de possibilidades incluindo idas ao cinema, práticas esportivas, lazer com a família, abrangendo, portanto, várias instâncias da vida pessoal dos/das docentes, ensejados na ideia de tempo livre, aquele visto pelo sistema produtivo como expressão, normalmente negativa, cujos pares próximos e dados como redutíveis são o entretenimento e o ócio. Das porcentagens chama atenção o fato de 19% da amostra indicar que possui, ao longo da semana, apenas até uma hora para incumbências não referidas ao mister do magistério, incluindo aquelas de caráter tão pessoal como as relações familiares. Mesmo atentando para a resposta majoritária, correspondente a 45% dos/das professores/as, a indicação de uma a cinco horas semanais para a vivência do tempo livre revela sobrecarga de trabalho cujos limites não estão dados, somente, pelas práticas levadas a termo nas escolas, mas se expandem pelo conjunto de ações postas em torno de cada aula ministrada.

Cabem, aqui, dois adendos. O primeiro alusivo ao fato de nem todos/todas docentes que participaram da pesquisa estarem na escola em tempo integral, apesar de terem se manifestado nesta resposta; o segundo concerne ao advérbio semanalmente – posto na abertura da pergunta. Para os efeitos da investigação, tratávamos dos cinco dias que compõem, no geral, a jornada docente em sala de aula, porém, várias entrevistas dizem respeito à semana completa, portanto, aos sete dias, fator agravante das nossas ponderações. Em resumo: ao contrário das inúmeras atividades profissionais, cuja jornada de oito horas tem cunho “terminativo”, os professores e professoras não iniciam ou terminam o seu mister no momento da aula. O interregno antes/depois do período que regula a atividade dentro da escola requisita um tipo particular de envolvimento docente, razão, muitas vezes, para o comprometimento do tempo pessoal, livre, disponível, aquele dedicado aos propósitos não ligados, necessariamente, às tarefas do magistério.

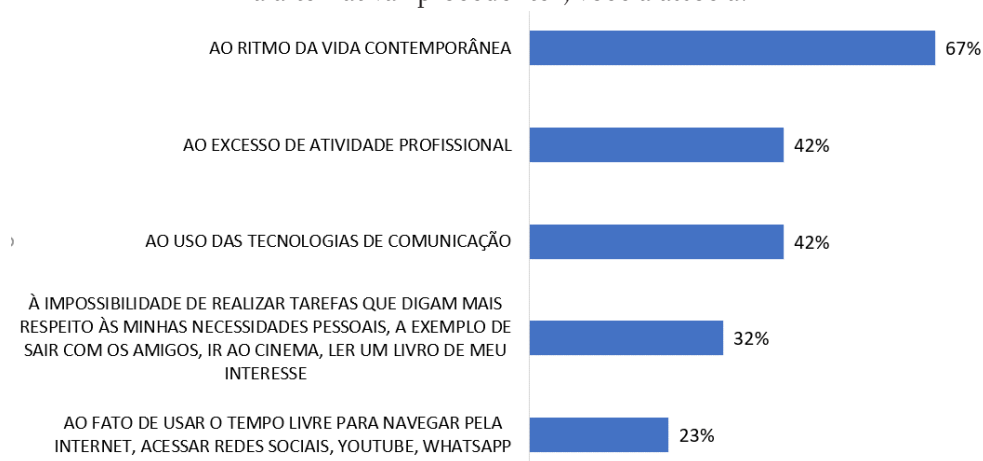
Figura 3 - A afirmativa “Existe uma sensação de que o tempo está passando muito rápido” é:



Fonte: MECOM (2019).

A figura aponta um dos aspectos centrais de nossa reflexão referente à percepção da temporalidade acelerada pelos sujeitos contemporâneos. O fenômeno pode ser generalizado, alcançando outros segmentos profissionais, etários, econômicos etc, mas, no caso específico dos professores e professoras, foi possível mensurar, através da pesquisa, que 86% dos/as respondentes manifestam a percepção segundo a qual a velocidade se instituiu como fator a perpassar o tempo. É neste contexto que as expressões “sensação”, “reconhecimento subjetivo”, “percepção” devem ser lidas: a perspectiva individual de apreensão do tempo marcado pela aceleração, no caso dos/das docentes, converge para um, digamos, “sentimento coletivo” que congrega a maioria dos/das entrevistados/as. Circunstâncias já discutidas nas figuras anteriores (carga horária, deslocamento por escolas, período de trabalho, tempo livre etc.) certamente contribuem para explicar as razões de a celeridade ser identificada pelos educadores e educadoras como marca regente do dia a dia.

Figura 4 - Caso a sua resposta anterior tenha sido a alternativa “procedente”, você a associa:

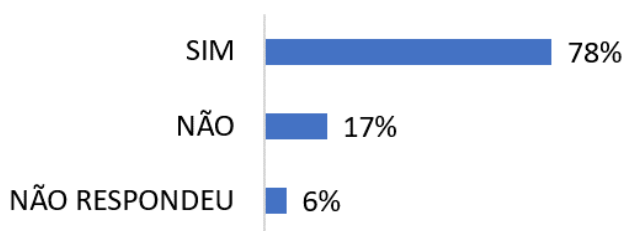


Fonte: MECOM (2019).

Buscamos melhor esclarecer junto aos 86% dos/das entrevistados/as qual o motivo para considerarem procedente a sensação de que o tempo está passando com maior rapidez. Havia a possibilidade de indicar-se mais de uma resposta. Os motivos apontados englobam quatro grandes elementos, no mais a receberem análises de especialistas dedicados à questão temporal, mesmo fora dos cenários educativos (ROSA, 2016): as vicissitudes do cotidiano; a presença das tecnologias; a sobrecarga de trabalho; a impossibilidade de vivenciar de maneira mais plena o tempo livre, pessoal.

Ao tópico referente à presença das tecnologias, cabe vincular o quinto item mais respondido nesta pergunta (23%), que associa a sensação do tempo acelerado ao uso dos dispositivos comunicacionais, a exemplo do YouTube, Facebook, WhatsApp – neste aspecto, registre-se, docentes e discentes habitam regiões muito próximas. Ou seja, conquanto seja factível afirmar a existência de gradações tonalizando os vínculos entre tempo e indivíduo hodierno, é forçoso buscar no universo de um grupo, a dos/das docentes, os motivos particulares que acionam a dimensão da velocidade. As resultantes práticas de tal processo envolvendo intenso fluxo temporal podem ser identificadas em diferentes planos, como o da irrealização profissional, ou dos desacertos afetivos, emocionais, de que basta verificar entre docentes o aumento nos casos de depressão, transtornos comportamentais, ansiedade e doença de Burnout<sup>1</sup>.

Figura 5 – Admitindo que você perceba que o tempo está mais acelerado, isto tem reflexos na sua atividade de professor?



Fonte: MECOM (2019).

De forma majoritária, os educadores estabelecem correspondência entre a percepção do tempo socialmente acelerado e a prática laboral que levam a termo. Várias das considerações feitas às figuras componentes deste segmento temático podem ser aqui reatualizadas e expandidas, pois ajudam a entender as próprias dinâmicas cotidianas das escolas e dos seus e suas especialistas, envolvidos/as entre inúmeras demandas internas e externas às salas de aula. Para 78% dos professores e professoras, conviver em contexto marcado pela velocidade e pela sensação do “presente encurtado” traz resultantes no cotidiano da aula; no acompanhamento dos alunos e alunas – progresso na disciplina, correção de provas e trabalhos, conflitos a serem arbitrados etc –; na preparação dos materiais didáticos – escolha de textos, uso eventual

1 Não atribuímos tal síndrome exclusivamente às questões temporais. Trata-se, aqui, de acentuar aspecto pouco presente quando se intenta apreender as nuances envolvidas no trabalho docente.

de dispositivos tecnológicos: PowerPoint, filmes ilustrativos do tópico programático, feitura de blogs etc; na própria formação continuada docente.

Ou, nas palavras dos próprios entrevistados<sup>2</sup>:

*“Eu tenho ideias incríveis para aprimorar minhas aulas e conteúdos, advindas do contato com as mídias de comunicação e interação virtual, mas não consigo pô-las em prática devido à falta de tempo hábil”; “Falta tempo para preparar as atividades como gostaria”; “Parece que vivo dentro de uma escola sem ter tempo para nada. A docência é maravilhosa, porém nos desgasta bastante, sinto não ter tempo para me reenergizar”; “Pouco tempo para me dedicar à preparação das aulas, projetos e correções de provas. Chego a ficar sábado e domingo preparando aula, corrigindo atividades e avaliações”; “As aulas parecem acabar mais rápido; não há tempo suficiente para prepará-las adequadamente”; “A correria de uma escola para outra faz com que o tempo seja curto para desenvolver atividades pessoais”; “Estou sempre acelerada para dar conta do currículo e não temos tempo livre para o bate-papo com amigos e alunos. Falta tempo para o ócio produtivo”; “O professor sente-se mais estressado e cansado, conseqüentemente não consegue fazer um bom trabalho”; “Porque o uso das tecnologias de comunicação acarretou sobrecarga de trabalho do professor: tenho de produzir material “analógico” e também “digital” para alimentar o AVA. Trabalho muito mais horas fora da sala de aula do que antes da internet chegar na escola”<sup>3</sup>.*

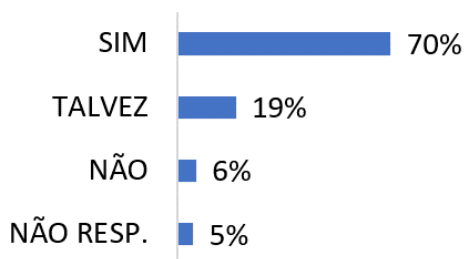
Explicita-se, enfim, o sentimento comum entre os e as docentes de que o fator temporal possui relevância quando se trata de promover o labor didático-pedagógico. É importante que frente a tal assertiva seja incluída na pauta de discussão sobre os futuros projetos voltados à educação básica o reconhecimento do lugar ocupado pelo tempo na vida dos sujeitos (docente, discente, equipes técnicas, orientadores pedagógicos, gestores), dos modos como ocorre a apropriação dele, haja vista as circunstâncias particulares que atravessam a sociedade contemporânea, em suas ativações técnicas, tecnológicas, comunicacionais.

---

2 No intuito de abonar a presente análise, arrolamos algumas das respostas dadas pelos/as 509 entrevistados/as. As respostas expositivas foram transcritas e organizadas na Parte II, Vozes cruzadas: discentes e docentes na relação com os meios de comunicação e as temporalidades.

3 AVA é a sigla para Ambiente Virtual de Aprendizagem. No geral são sistemas ou mesmo softwares que podem auxiliar no desenvolvimento de cursos, programas, aulas etc., processados via internet. Em muitos casos, conteúdos e tarefas escolares são acompanhados por docentes através deste recurso.

Figura 6 – Você considera que a possível aceleração social do tempo tenha algum reflexo no comportamento e práticas dos alunos em sala de aula?



Fonte: MECOM (2019)

Os professores e professoras não apenas afirmam existir linha de continuidade entre aceleração temporal e consequências práticas na atividade profissional que desenvolvem, como asseveram tratar-se de processo mais abrangente, alcançando, inclusive, os/as discentes. Apenas 6% dos/das entrevistados/as não apontaram existir em suas ações nas salas de aula nexos entre aceleração temporal e comportamentos e mesmo práticas didáticas dos/das discentes. Ao contrário, 70% responderam favoravelmente à pergunta, ficando, ainda, 19% em dúvida. Há, portanto, para a maioria docente certo consenso no tangente aos citados vínculos.

Ao serem perguntados acerca dos motivos e consequências da aceleração no cotidiano escolar do/da aluno/a, abriram amplo leque de respostas. A seguir agregamos algumas delas:

*“As crianças estão tão aceleradas que não conseguem mais se concentrar. Por isso não consigo terminar as atividades no tempo esperado”; “Eles não têm ‘paciência’ para realizar atividades que exigem reflexão, análise, aprofundamento. São imediatistas, leem as headlines e acham que já sabem tudo sobre o assunto porque já leram várias informações ‘picadas’ de, no máximo, 140 caracteres”; “Acredito que a fluidez das informações vai alterando também a fluidez dos sentimentos e emoções. Isso pode resultar em novas relações sociais. Em laços que fazem e se desfazem a todo momento, sem a sua devida atenção”; “Tudo acontece muito rápido, as pessoas não têm mais tempo de conviver umas com as outras, elas somente vivem virtualmente e isso é muito ruim para as relações humanas; isso reflete na dificuldade que encontramos para acessar nossos alunos”; “A geração que está aí apresenta um perfil acelerado, de ver os resultados, por causa do mundo tecnológico em que ela está inserida”; “Sinto os alunos tendo maior dificuldade de estarem verdadeiramente presentes em sala de aula; estão frequentemente ‘plugados’; a qualquer hora pode haver uma série de novas mensagens no Facebook, Instagram, Twitter, etc. Também percebo que eles têm apresentado maior dificuldade em*



*lidar com o silêncio, com o tédio, com o tempo lento necessário para alguns aprendizados”; “Alunos ficam mais preocupados em mexer no celular do que em participar da aula”.*

Enfim, há uma coleção de afirmativas, em boa parte convergentes no ponto principal de nossa análise, a do vínculo entre celeridade e desempenho escolar, espalhadas pelas 509 respostas substanciadas na pesquisa. É pertinente dizer, em síntese, que entre as apontadas atitudes, comportamentos e práticas dos/das discentes vinculadas à aceleração, encontram-se: impaciência, hiperatividade, falta de concentração, muitas vezes envolvendo o desarranjo do material didático e mesmo posturas provocativas a colegas, gerando problemas de atitude e desempenho. Os motivos para tal quadro dispersivo encontram-se, quase sempre, associados ao “espírito do tempo”<sup>4</sup> e seus motores desencadeantes: frequência exagerada aos meios digitais, uso excessivo do celular, conexão permanente à internet, caráter fragmentário do que se acessa nas redes sociais, rapidez na passagem pelos assuntos etc.

## Conclusão

Em esforço sumular das observações das figuras anteriores, é possível afirmar que os/as docentes estão no interior de um processo de mudanças sociotécnicas com repercussões importantes no trabalho educador formal. Em boa monta, os professores e professoras possuem idade e tempo de exercício do magistério consentâneos à ampliação dos dispositivos comunicacionais, particularmente em anos recentes ancorados nas tecnologias digitais. Tal esclarecimento promove compreensível aproximação entre docentes e discentes haja vista circular em universo comum atravessado pelos inúmeros aparatos técnicos, midiáticos, e suas variadas

---

4 Um dos professores depoentes fez assertiva interessante para dizer que não considerava existir problema específico concernente à aceleração haja vista estarem os/as discentes integrados/as em uma realidade nova, ela mesma recortada pela velocidade, pela instantaneidade: “Eles já nasceram e convivem com essa aceleração; para eles se trata de algo normal”. Ainda que não caiba, no momento, refletir sobre a naturalização do processo em tela, seria temerário descartar, liminarmente, a percepção segundo a qual existe um ethos e um logus que ancoram determinadas perspectivas e comportamentos frente à realidade evidenciada.

implicações. Isto não significa, entretanto, existir maior ajuste de passo entre os andamentos das aulas em seus modelos atuais e os reptos pedidos a uma educação que tem à sua frente incitamentos da comunicação mediada.

É possível acompanhar pelos dados acima e seus comentários uma série de problemas que permeiam a vida profissional dos/das docentes, em sua faina de ministrar grande número de aulas – associadas a outras tarefas por elas requisitadas –, além de questões salariais e de reconhecimento social. Sob tal contexto, irrompe uma variável importante para a nossa pesquisa referente à temática do tempo. E o que aí se verifica é uma clara tensão entre demandas impostas pelo mundo do trabalho e mesmo da vida cotidiana, e o desejo conectado a afirmar o “sujeito-para si”, cuja liberdade de escolha e possibilidade de explorar o tempo livre vem sendo crescentemente comprometida.

## Referências

ROSA, H. **Alienación y aceleración** – hacia una teoría crítica de la temporalidad en la modernidad tardía. Buenos Aires: Katz Editores, 2016.